

NINGUEM FUNDOU PINDAMONHANGABA (III).

NÓBREGA OU ANCHIETA?

WALDOMIRO BENEDITO DE ABREU

Ao falar sobre a fundação de Pindamonhangaba, em artigo intitulado “O Fundador” (1), citamos incidentalmente o caso da fundação da cidade de São Paulo. Durante quatro séculos foi ela atribuída ao Padre Anchieta, e, só depois de 1942, graças a estudos e campanhas bem orientadas, é que se verificou e proclamou que a fundação mesma se deveu ao Padre Manoel da Nóbrega, sendo Anchieta o seu grande consolidador.

Dizer que Nóbrega foi tão somente o mandante, o idealizador, como pretende César Salgado, é o mesmo que dar o pedreiro-chefe, e não o engenheiro, como o construtor de uma casa, ou afirmar que o autor deste artigo é o linotipista, o compositor, o paginador, e não nós.

A situação de Jaques Félix, como fundador de Taubaté, é bastante diferente. Quem lhe passou provisão para isso nunca veio a Taubaté; entregou toda a empreitada a Jaques, que lhe comunicou o seu próprio gênio criador (o fundador escolheu o terreno, delineou o plano urbanístico, etc.) e sua capacidade empreendedora. O locotenente só lhe deu a ordem, como outras tantas que expediu, de seu ofício. A ordem era para *fundar*.

Dr. César Salgado, em seu belo opúsculo “José de Anchieta, “O CRIADOR DE SÃO PAULO”, publicado em 1954, escreveu o seguinte:

“Naquele dia 25 de janeiro de 1554, ele (Anchieta) tomou em suas mãos miraculosas a cidade infante, para imprimir-lhe o

(1). — Publicado no jornal *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba, edição de 16-1-1972.

hálito de vida, a alma, o gênio, o carater. Porque, em verdade, Anchieta, mais que fundador, foi o *Criador de S. Paulo*”.

Hipérbole, sem dúvida.

Era o tempo em que a polêmica se encontrava em seu climax e dr. César, nesse arrebatante discurso do Clube Piratininga, em São Paulo, enalteceu apenas Anchieta, fazendo-o, aliás, de forma brilhante, como somente ele sabe fazer, mercê de seus imensos recursos estilísticos e retóricos.

Sobre Nóbrega, nada.

Dirá s. Excia. que não tinha de falar de Nóbrega, já que escrevia sobre Anchieta.

Não seria exato. A discussão ia acesa e, encomiando generosamente a Anchieta, claro que o orador se engajava resolutamente em suas ilustres hostes.

Como dissemos, durante quatrocentos anos, exaltou-se e reinou o soberano Anchieta, qual fundador de São Paulo, cantado em prosa e em verso. Nenhuma ou vagas palavras a cerca do papel de Nóbrega.

No momento em que se desentulham novos documentos e se trombeteia com inteira justiça a atuação incontestante de Nóbrega, aparecem alguns dizendo:

“Não, está errado. Vocês querem dar a glória *somente* a Manoel e se esquecem da contribuição de José”.

Quer dizer, não podendo mais sustentar a exclusividade de Anchieta, pretendem-no “ao lado de Nóbrega” ou pelo menos na fímbria da sotaina do excelso missionário, considerado por Celso Vieira o maior daqueles Gigantes Espirituais (os primeiros jesuitas que vieram ao Brasil),

“moldados por Deus na pedra Evangélica da fundação impercível”.

Agora, em seu artigo “Quem Fundou Pindamonhangaba”, fiel ao pensamento do Instituto Histórico e Geográfico, a que empresta o brilho de sua inteligência e de sua cultura, o mesmo vitorioso escritor discorre deste teor:

“Nem haveria motivos para campanhas e polêmicas, pois ninguém, medianamente instruído, pretendeu negar, em qualquer tempo, o direito de Nóbrega ao título de fundador de São Paulo”.

Negou-se, sim, durante quatro centúrias, conferindo a honraria a Anchieta e silenciando ou desconhecendo os feitos de Nóbrega.

O campeão do Movimento Nobreguense foi inquestionavelmente o historiador paulista, dr. Tito Lívio Ferreira, autor dos conhecidos livros: *História da Civilização Brasileira* e *História da Civilização Paulista*, e destacado membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Não fossem ele e outros, não teríamos hoje a monumental obra “Nóbrega”, editada em 1971 pelo mesmo augusto sodalício.

Durante aqueles quatro séculos, Anchieta recebeu a consagração de um sem número de obras biográficas, de estudos de sua personalidade e cometimentos, de justo enaltecer de seu nome estelar.

No que tange a Nóbrega, nada ou quase nada.

Quando em 1942 a Sociedade “Amigos da Cidade de São Paulo” quis erigir um monumento ao fundador, procurou aquele Instituto para que desse a palavra definitiva, entre Anchieta e Nóbrega.

Após estudos e considerações, veio a decisão, pondo fim à incerteza:

“O verdadeiro fundador da cidade de São Paulo é o Padre Manoel da Nóbrega”.

As dúvidas suscitadas pelos “anchietanos” eram tantas que requereram o pronunciamento formal da egrégia instituição histórica.

Na realidade, Manoel da Nóbrega foi sempre colocado para trás e à margem da história de São Paulo. Daí se impor e justificar-se plenamente o entrechoque e polêmica, exatamente como se está passando com a história de Pindamonhangaba, nesta ante-véspera do 150º aniversário do 7 de setembro, em que a cidade participou ativamente. Bicudo Leme sempre louvado (até um poema, meio épico, Ataíde Marcondes escreveu sobre ele), sempre tido como fundador, e o Pe. Faria e outros servindo de moldura à estampa gloriosa do *Via Sacra*. Quando muito, como moldura ou fundo de cena.

Apesar de nossa maneira direta, objetiva, de escrever (estamos fazendo-o também para o grande público), não perdemos de vista o comedido e a compostura, examinando o assunto isentos de preconceitos, como se requer na consideração de problemas como o presente.

Em seu artigo, dr. César Salgado, algo distante do “Criador de São Paulo” — perdoe-nos dize-lo — preleciona conciliador:

“Demos a Nóbrega e Anchieta o que de direito lhes pertence.
Suum cuique tribuere.”

Mas nem sempre foi assim. Hoje é que é (a).

Não iremos aqui transcrever relanços dos autores e mestres de nomeada sobre Nóbrega, como judiciosamente dr. César faz com relação a Anchieta, sempre elevando os méritos do “Criador de São Paulo” e atenuando os de Nóbrega.

As opiniões dos mais antigos, entre tímidas e espaçadas, passaram despercebidas. Só os modernos se estenderam mais: Taunay, B. Calisto, Afrânio Peixoto, Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu, Pe. Serafim Leite, Rocha Pombo, Vicente Tapajós, Guilherme de Almeida, Pedro Calmon, Assis Cintra e outros. Os atuais, sim, bem mais.

Preferimos mencionar alguns trechos do próprio José de Anchieta:

“No ano de 1554, mandou o Padre Manoel da Nóbrega os filhos dos índios do campo a uma povoação nova chamada Piratininga, que os índios faziam por ordem do mesmo Padre, para receberem a fé”...

Padre Manoel da Nóbrega deu “sua vida pela de muitos, pondo-a nas mãos dos tamoios”...

“E assim diziam dele pessoas grandes que era para governar todo o mundo”...

Tudo isso depois de tecer outros elogios ao seu antigo e ex-superior (2).

Destaquemos aqui alguns títulos dos trabalhos que aparecem no luxuoso volume acima citado e publicado pelo IHGSP, subscritos por nossas maiores notabilidades em história:

Padre Manoel da Nóbrega — precursor do bandeirismo paulista; Manoel da Nóbrega — artífice de nossa nacionalidade; O Padre Manoel da Nóbrega e a unidade do Brasil; O Padre Manoel da Nóbrega

(a). — Nota de 1974: Para nós é comodista e abdicante de estudos e pesquisas a teoria de “plúri-fundador”, defendida por alguns como Ernâni da Silva Bruno (artigo “Quem foi mesmo que fundou São Paulo”, in revista “O Cruzeiro”, de 2-2-1972) e outros.

(2). — Certamente já se começava a endeusar Anchieta e ele procurava fazer conhecido o merecimento do outro.

— *missionário e educador; O Padre Nóbrega e a reconquista do Rio de Janeiro; São Paulo tem direito a 400 anos com Nóbrega; Primeiro jurista luso-brasileiro; Nóbrega — missionário e homem de Estado; Iperoig e a unidade nacional; Nóbrega, o desconhecido, etc.*

São cinquenta trabalhos, um dos quais, por sinal, de nosso querido e apreciado dr. Antenor Romano Barreto, pindense que prepara, no momento, livro histórico sobre Campos do Jordão; outro trabalho é *Sonetos do Testemunho*, de Oliveira Ribeiro Neto.

Obra farta e ricamente ilustrada, que recomendamos à atenta e deleitosa leitura de todos, aparecendo na Comissão Executiva, como seu presidente, o eminente e venerando historiador paulista, dr. Aureliano Leite.

Na *Apresentação* da obra dr. Aureliano põe em relevo a posição dos dois inacistas, externando-se da seguinte e significativa maneira:

“Todavia, no tocante mais a São Paulo, à sua origem, Manoel da Nóbrega, o superior, idealizou o seu humílimo “Colégio” e localizou o espaço de terreno em que revia assentar-se. O irmão Anchieta (era apenas noviço, acrescentamos) e outros (grifo nosso) jesuitas, inferiores hierárquicos, obedeceram à ordem superior e a executaram na ausência do chefe”.

Não seríamos nós quem apequenasse a figura do Pe. Anchieta, como o místico, o apóstolo dos gentios, enquanto Nóbrega foi o político, o estadista, o gênio criador.

No “mistério divino” que o envolveu, tão empolgantemente descrito por César Salgado, Anchieta foi maior do que Nóbrega; sua ação, depois, em favor de São Paulo, foi ainda maior; mas o fundador mesmo se personificou em Nóbrega; sem ele não teria existido São Paulo. A pedra fundamental veio de suas mãos, a idéia foi dele. Ei-lo, o alento humano, insuflador e másculo; Anchieta, o sopro divino ou o *finis coronat opus*. A benção.

No entanto, a vinculação de Nóbrega a São Paulo vem de um pouco antes. A certidão de nascimento da gigantesca urbe é, em verdade, a carta de Nóbrega, de 29-8-1553, descoberta pelo Pe. Serafim Leite nos arquivos secretos do Vaticano, e que, ao parecer, liquidou a questão. Nóbrega,

“reunindo os índios dispersos, a dez léguas de São Vicente e duas da povoação de João Ramalho, *Fundou Cristãmente a Aldeia*

*de Piratininga (a festa precursora dos 50 catecúmenos índios)
No dia 29 de agosto de 1553”.*

É como está escrito na obra do referido historiador. Essa aldeia foi a semente da atual cidade de São Paulo. A essa altura o irmão Anchieta ainda se demorava na Bahia (b).

Para nós e para todos, hoje, a melhor caracterização é esta: Nóbrega — fundador, Anchieta — consolidador.

Antes de se chegar, porem, ao pleno reconhecimento do desempenho do primeiro, quanta luta não se travou.

Tornou-se absolutamente necessário que a Crítica Histórica, com Serafim Leite e Tito Lívio Ferreira à frente, pusesse em movimento todos os seus recursos.

Fez-se uma revisão da história de São Paulo, o mesmo que está acontecendo, em nossas dias, com a história de Pindamonhangaba. Esse o símile entre os dois casos.

Aqui terminamos nossos reparos críticos ao sábio artigo do dr. César Salgado, agradecidos à honra e deferência com que nos distinguiu (*). Se não estivemos à altura de s. excia., se tratamos canhestamente a matéria, conforta-nos a certeza de nos haveremos esforçado.

(b). — Nota de 1974: Alfredo Gomes, *Da Quadricentenária Certidão de Nascimento de Piratininga*, erudito artigo na Revista do IHGSP, vol. LII, 1956, pág. 149.

(*). — Seguirá um 3º artigo, resposta ao 2º do sr. César Salgado, o qual, sob o título “Quem fundou Pindamonhangaba”, foi publicado em nosso nº 95. (*Nota da Redação*).

Nota complementar: Esclareça-se bem o caso de Jaques Félix. Ele foi enviado para fundar uma povoação e fundou-a. É o fundador. Fundar um “Colégio”, traçar-lhe as linhas mestras, como educador e catequista calejado que já era, é diferente de construir sua sede, organiza-lo e dirigi-lo de acordo com a orientação desenhada. Esta obra foi realizada pelos jesuitas que ficaram e pelos índios aldeados.

Pindamonhangaba, janeiro de 1972.